

A LINGÜÍSTICA E O PROFESSOR DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA MATERNA

Francisco Gomes de Matos
UFPE

Introdução

Lingüística: um macrodomínio

Quão abrangente ou ramificada é a ciência da linguagem? Podemos ter uma idéia do alcance e das subdivisões da lingüística, se examinarmos a síntese feita pelo lingüista e enciclopedista britânico David Crystal em sua *The Cambridge Encyclopedia of Language* (Cambridge University Press, 1987; p. 412). Segundo esse autor, os linguistas atuam em pelo menos 15 campos interdisciplinares: Lingüística antropológica, Lingüística aplicada, Biolingüística, Lingüística clínica, Lingüística computacional, Lingüística educacional, Etnolingüística, Geolingüística, Lingüística matemática, Neurolingüística, Lingüística filosófica, Psicolingüística, Sociolingüística, Lingüística estatística e Teolingüística. Examine-se o plano da *Internacional Encyclopedia of Linguistics* (organizada pelo lingüista antropólogo americano William Bright e publicada pela Oxford University Press, New York; 4 volumes, 1991) e verificar-se-à que, além das áreas mencionadas por Crystal, podemos incluir Literatura e Lingüística, Terminologia, Discurso e Texto.

Professores de português como língua materna que tenham recebido uma adequada formação lingüística certamente haverão estudado Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica e História da **Língua Portuguesa**. Dentre as áreas interdisciplinares que oferecem subsídios teóricos aplicáveis ao ensino-aprendizagem de português, destacaríamos – com base em nossa experiência na UFPE e PUC-SP – a Lingüística aplicada, a Sociolingüística e a Pragmática.

Por centrar-se na identificação e caracterização precisa de problemas comunicacionais entre pessoas, grupos, comunidades, a Lingüística aplicada contribui ao desenvolvimento de um **senso de relevância** entre os que possuem a prioritária missão de ajudar usuários de português como língua materna a aprimorarem sua capacidade de comunicação. O lingüista aplicado contemporâneo, imbuído de valores culturais, ecológicos, educacionais, espirituais, estéticos, éticos, lingüísticos, políticos, psicológicos e sociais, oferece a professores uma perspectiva segundo a qual **ensinar-aprender bem é ensinar-aprender para o bem** da pessoa, do grupo, da comunidade.

A Sociolingüística aplicada ao ensino de português, por outro lado, sensibiliza os professores a respeito dessa propriedade saliente das línguas naturais: a variação (sociocultural, social e geográfica). Adquirir e cultivar atitudes objetivas, realistas, sensatas a respeito de variantes (fonéticas, gráficas, lexicais, sintáticas) é um dos direitos

sociolingüísticos a serem assegurados aos alunos; tal comportamento corresponderia a um dos deveres **sociolingüísticos** do professor. Outra possibilidade de uso aplicativo da lingüística é através da **Pragmática**, entendida como o estudo das relações entre significados e contextos situacionais, i.e, a influência do contexto na escolha, pelo falante ou escritor, de mensagens lingüísticas significativas e nas interpretações desses significados pelo ouvinte ou leitor.

De princípios científicos a princípios pedagógicos

Fôssemos enumerar alguns dos princípios da lingüística, (cf. a lista proposta em nosso artigo "Influência da lingüística em livros de português", em *Lingüística e Ensino do Vernáculo*, organizado por Lúcia Lobato; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 53-54, abril-setembro de 1978), selecionaremos: A sistematicidade; a natureza cognitiva, humana e sociocultural das línguas.

Cada um desses princípios pode ser traduzido em reflexões e ações pedagógicas. Assim, teríamos:

Princípio lingüístico	Princípio pedagógico e pergunta-chave
1 – Sistematicidade da linguagem	1 – Apresentação organizada, interativa de partes do sistema fonológico, morfológico, sintático, semântico da língua portuguesa. Como descrever e explicar a organização e usos de elementos de cada sistema ou da interação de sistemas?
2 – Natureza cognitiva da linguagem	2 – Abordagem da linguagem como uma faculdade mental ou um sistema de base cognitiva. Como ajudar o educando a resolver seus próprios problemas de expressão e comunicação, i.e., a ser um decisor lingüístico confiante e esclarecido?
3 – Variação lingüística	3 – Seleção de variantes mais adequadas às intenções e às expectativas, respectivamente de falante-escritor e ouvinte-leitor. Que estratégias adotar para sensibilizar alunos-usuários de português a respeito da adequação comunicativa de seus textos falados e escritos?
4 – Natureza humana da linguagem	4 – Humanização dos usos lingüísticos e da compreensão desses usos. Como preparar-se e preparar seus alunos para usarem a língua portuguesa como instrumento promotor da paz comunicacional ; i.e., ser capaz de humanizar sua competência comunicativa ?

Conceitos-chave de lingüística: o que enfatizar?

Dentre os conceitos-chave da lingüística contemporânea que podem ser explorados produtiva, eficazmente por professores de português, destacaríamos: atos de fala, direitos lingüísticos (de aprendizes de português – da alfabetização à educação universitária), fonema (e alofonia), hiponímia (como base para taxionomias), morfema (e alomorfia), paráfrase (sintático-semântica), polissemia, cooperação comunicativa (princípio formulado pelo filósofo H. Paul Grice), mudança (fonética, morfológica, sintática). Onde encontrar esses e outros conceitos fundamentais com que trabalham os lingüistas?

Em dicionários (lembre-se a obra pioneira do Saudoso Joaquim Mattoso Camara Jr. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. Tem o subtítulo **Referente à Língua Portuguesa**. Publicado pela Editora Vozes, continua a prestar um grande serviço a professores de português) e obras introdutórias.

Um exemplo recente de bem organizada, elucidativa iniciação à ciência da linguagem: *Introducción a la Lingüística Española*, do brasileiro (radicado nos EEUU) Milton M. Azevedo. Edição de Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersén, 1992).

Lingüistas brasileiros e a formação de professores de português

Através de uma lista de 10 livros – brevemente comentados – exemplificaremos como os lingüistas brasileiros têm contribuído para a formação de professores de português. Cumpre esclarecer que todos os títulos escolhidos foram objeto de resenha pelo autor deste artigo, na *Revista de Cultura Vozes*, identificada abreviadamente RCV nas referências bibliográficas. A seleção é, pois, centrada em recensões publicadas de 1983 a 1990.

A idéia de analisar e explicar como as obras de lingüistas brasileiros e portugueses têm sido úteis na preparação de professores de português como língua materna poderia transformar-se em uma pesquisa para pós-graduandos em Lingüística aplicada ao Ensino de Português. Que este texto possa despertar o interesse de estudiosos – historiadores críticos – dessa interação entre Lingüística e Ensino de Língua Portuguesa.

1º exemplo: *Introdução à Estilística*. Nilce Sant' Anna Martins. São Paulo: T.A. Queiroz e EDUSP, 1989. Uma contribuição sistemática à apreciação e valorização das ações lingüísticas de poetas e prosadores portugueses e brasileiros. RCV, setembro-outubro, 1989, p. 625.

2º exemplo: *Língua e Liberdade: Por uma nova concepção da língua materna*: Celso Pedro Luft. Porto Alegre: L & PM Editores, 1985.

Destaque-se a atitude positiva do autor, ao reconhecer que "bem ensinada e orientada para aspectos práticos da linguagem, a Lingüística (mais aplicada que teórica)

seria da maior utilidade para uma revisão nos métodos de ensino da língua materna" (p. 77) RCV, agosto, 1985, p. 475.

3º exemplo: *Lingüística Aplicada ao Português: Morfologia*. Maria Cecília P. de Sousa e Silva e Ingedore V. Koch. São Paulo, Cortez, 1983. Louve-se o empenho das autoras em tomar a obra clássica de J. Mattoso Camara Jr. *A Estrutura da Língua Portuguesa* (Vozes, 1975), como fonte principal para este estudo descritivo e não tanto **aplicativo**, como o título poderia sugerir. Por isso, em uma próxima edição seria adequado incluir-se exercícios para alunos dos três graus. RCV, março, 1984, p. 157.

4º exemplo: *Empréstimos lingüísticos*. Nelly Carvalho. São Paulo, Ática, 1989. Uma bem redigida e documentada iniciação a um dos importantes processos de designação: **o empréstimo**. Revela como a língua portuguesa é, ao mesmo tempo, autóctone e poliglota. RCV, julho-agosto, 1990, p. 496.

5º exemplo: *O Português Popular Escrito*, Edith Pimentel Pinto. São Paulo, Editora Contexto, 1990.

Este livro pode ajudar a repensar o conhecimento e o ensino da língua portuguesa no Brasil, através de uma exemplificação textual autêntica que evidencia a importância expressivo-comunicativa de variedades do Português escrito ainda à margem de pesquisas teóricas e aplicadas. RCV, julho-agosto, 1990, p. 497.

6º exemplo: *Análise da Conversação*. Luiz A. Marcuschi. São Paulo, Ática, 1986. Lingüistas, professores (atuais e futuros) de português e estudiosos da comunicação **falada**, muito beneficiar-se-ão com a leitura deste estudo de "um fenômeno altamente organizado", baseado em dados gravados (em grande parte, pela equipe do Projeto NURC-Recife, UFPE). RCV, março-abril, 1987, p. 246.

7º exemplo: *Comunicação não-verbal. A gestualidade brasileira*. Mônica Rector e Aluizio Ramos Trinta. Petrópolis, Vozes, 1985.

Oportuno e pioneiro manual, de orientação semiótica, sobre pesquisas centradas no comportamento gestual do brasileiro. Útil também para professores de português a falantes de outras línguas. RCV, março-abril, 1987, p. 247.

8º exemplo: *Guia Teórico do Alfabetizador*. Miriam Lemle, São Paulo, Ática, 1987.

Duas virtudes há neste livro: transparência explicativa e valorização do alfabetizando RCV, Set-out, 1987, p. 635.

9º exemplo: *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Celso Cunha e Luis F. Lindley Cintra. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

Este manual, dos saudosos colegas da UFRJ e Universidade de Lisboa, tem diversos méritos, dentre os quais uma razoável atenção à importância da Sociolinguística na descrição dos **usos** (atente-se que os autores optaram pelo termo Tradicional **emprego**, em vez de **uso**).

10º exemplo: *A Concepção da escrita pela criança*. Mary A. Kato (org.) Campinas, Pontes, 1988. Esta coletânea é fruto do sério interesse de linguistas brasileiros pela problemática da cognição em crianças de classe baixa e de nível sócio-econômico médio ou ligeiramente acima deste RCV, set-out, 1989, p. 628.

Direitos humanos, linguística e ensino de português

A partir de 1984, quando nossa *Proposta para uma Declaração Universal de Direitos Linguísticos* começou a ser difundida e apoiada por linguistas e outros cientistas humanos e sociais de vários países (cf. Prefácio à *The Cambridge Encyclopedia of Language*, Cambridge University Press, 1987, p. vii), patenteou-se a necessidade de repensar o planejamento linguístico educacional à luz de uma filosofia dos direitos humanos. Duas conseqüências dessa iniciativa: postulamos o conceito de **paz comunicativa**, como uma espécie de novo **universal** na educação em língua materna (cf. nosso artigo "A linguística a serviço da paz", em *Estudos Universitários de Linguística, Filologia e Literatura. Homenagem a Sílvia Elia*. Organizado por Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio, Tempo Brasileiro e Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1990) e preconizamos o ensino-aprendizagem de português para o bem de seus usuários (veja-se nosso *Português Positivo: comunicação construtiva em língua portuguesa*, Lisboa, Revista Internacional de Língua Portuguesa, dezembro de 1991).

Em suma, acreditamos que a Linguística, multiforme e interdisciplinar, pode contribuir positivamente ao trabalho de professores de português como língua materna, tanto na aquisição e cultivo de atitudes objetivas, sensatas, esclarecidas (e bem fundamentadas em resultados de pesquisas) sobre a língua portuguesa, suas variedades e os usuários destas, como no desenvolvimento de estratégias promotoras de uma comunicação verdadeiramente humanizadora, centrada em valores que dignifiquem o desempenho, pelo usuário, de múltiplos papéis, através das mais variadas práticas sociolinguísticas em contextos e domínios de uso do português. Usar bem a Linguística é usá-la para o bem. Relacioná-la com o ensino de português é, antes de tudo, pôr uma ciência a serviço de usuários de uma língua que caracteriza a identidade cultural de uma vasta comunidade falante no Brasil, em Portugal, em Angola, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau.

Que cientistas e educadores, irmanados em sua missão linguística positiva, humanizadora, continuem a criar condições úteis e agradáveis para os aprendizes de nossa querida mas ainda tão pouco internacionalizada língua portuguesa. Trabalhos importantes sobre a interação da linguística com o ensino de português certamente continuarão a ser elaborados pelas novas gerações de linguistas educacionais, inspirados em exemplos, testemunhos de que linguistas e professores só terão muito a lucrar, aprendendo uns com os outros. Essa lição de reciprocidade é transmitida, por exemplo,

na publicação *Cadernos de Letras*, nº 2, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense (Niterói, RJ). Intitulada **A Lingüística e o Ensino de Português**, a coletânea de estudos do pioneiro Carlos Eduardo Falcão Uchôa oferece uma perspectiva equilibrada dos aportes da ciência da linguagem ao exercício responsável, sistemático, motivador da docência em língua portuguesa no contexto educacional brasileiro.

Aplicar bem a lingüística ao ensino de português é aplicá-la **para o bem** dos educandos como pessoas e como cidadãos. Na medida em que o trabalho dos lingüistas contribua à consecução desse objetivo humanístico maior, estará a ciência da linguagem prestando um serviço relevante. Por outro lado, na medida em que professores de português ponham sua experiência, os resultados de suas observações sistemáticas da interação em sala-de-aula, a serviço de pesquisadores da Lingüística, aprimorar-se-á a percepção dos cientistas quanto aos direitos, às necessidades, aos interesses dos que aprendem português como língua materna.

Finalmente, cabe-nos lembrar que o conhecimento sobre a linguagem e a língua portuguesa que hoje é processado, integrado, criado pelas mentes dos professores de português é fruto de uma significativa tradição, manifestada bibliograficamente pelos escritos de pioneiros como José Gonçalo Herculano de Carvalho, em Portugal, e Joaquim Mattoso Camara Jr, no Brasil. Sem as reflexões emanadas das obras desses lingüistas, a quem conheci e dos quais muito aprendi, não teríamos uma Lingüística tão institucionalizada como atualmente, através de Associações nacionais, no caso brasileiro, singularmente de uma Associação Brasileira de Lingüística (fundada em 1969) e de uma Associação de Lingüística Aplicada do Brasil (fundada em 1990).
